



COMUNIDADES VIRTUAIS: SISTEMATIZANDO CONCEITOS

Eliana Santana Lisbôa¹
Clara Pereira Coutinho²

RESUMO

Nesta comunicação vamos sistematizar alguns conceitos que emergiram no contexto da comunicação e interação no ciberespaço e que são usadas na literatura de forma indiscriminada como sinónimos ou com significados dispares, por vezes, contraditórios. Começamos, assim, por apresentar o conceito de comunidade virtual, destacando aquilo que são as suas características individualizadoras. Introduzimos depois o conceito de comunidade virtual de aprendizagem, discutindo aquelas que são as suas componentes básicas: a presença cognitiva, a presença social e presença de ensino. Será discutido depois o contexto em que emergiu o conceito de comunidade prática, realçando-se as características básicas que lhe conferem individualidade e especificidade. Terminamos tecendo algumas considerações sobre os atributos que uma comunidade virtual deve ter para promover o desenvolvimento de aprendizagens informais, essenciais no contexto da sociedade do conhecimento em que a aprendizagem contínua é uma consequência natural do momento social e tecnológico.

Palavras - chave: comunidades virtuais; Internet; redes sociais; colaboração; partilha de conhecimentos.

ABSTRACT

In this speech we are going to systematize some concepts that emerged in the context of communication and interaction in the Cyberspace and that are unfairly used in some contents as synonyms or with different meanings, sometimes contradictory. We start by presenting the concept of Virtual Community, emphasising specific features. Then, we introduced Learning Virtual Community, discussing the basic components: the cognitive

¹ Mestra Doutoranda em Educação pela Universidade do Minho, Braga, Portugal

² Professora Auxiliar (Phd) no Departamento de Estudos Curriculares e Tecnologia Educativa



presence, the social presence and the teaching presence. It will be discussed the context in which emerged the concept of practical community, enhancing the basic features that give it individuality and especificity. To conclude, we consider the atributes that a virtual community should have to promote the development of informal learning, essencial in the Knowledge Society context, in which continuous learning is a natural result of social and technological moment.

Keywords: Virtual Communities; Internet; Social Networks; collaboration; knowledge sharing.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade actual é marcada por profundas mudanças nas formas de comunicação e interacção entre as pessoas, uma vez que, graças às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e, em particular, à Internet, as pessoas podem hoje comunicar com um universo imenso de utilizadores da rede, independentemente do lugar onde se encontram.

Esta nova realidade fez despoletar o aparecimento de um novo léxico associado que inclui termos caso de, por exemplo, educação online, redes sociais, redes electrónicas, sociedade em rede, ciberespaço, e-moderação, Web social ou comunidade virtual, conceito que será o objecto de análise da revisão bibliográfica que apresentamos no presente texto.

De facto, embora o conceito de comunidade não seja novo e faça parte da linguagem corrente das Ciências da Educação – comunidade educativa, comunidade de aprendizagem, comunidade académica, etc. – a associação do termo a “virtual” confere-lhe um sentido novo e uma pluralidade de significados que importa precisar. Vemos, assim, serem usados na literatura os conceitos de comunidade virtual, comunidade virtual de aprendizagem e comunidade de prática com significados tão díspares e contraditórios, que considerarmos fazer sentido uma sistematização conceptual que esclareça o que têm os conceitos em comum bem como aquilo que os diferencia. O que distingue uma comunidade de aprendizagem de uma comunidade virtual? Uma comunidade de prática é (ou não) uma comunidade virtual de aprendizagem? O que faz com que uma comunidade virtual seja uma

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

comunidade de prática? Estas são questões a que procuraremos dar respostas ao longo do presente texto. Para tal, vamos começar por apresentar o conceito de comunidade virtual,

identificando aquilo que são as suas características individualizadoras. Introduzimos depois o conceito de comunidade virtual de aprendizagem, destacando as suas componentes básicas: a presença cognitiva, a presença social e a presença de ensino.

Será discutido depois o contexto em que emergiu o conceito de comunidade prática, realçando-se as características que lhe conferem individualidade e especificidade. Terminamos tecendo algumas considerações sobre os atributos que uma comunidade virtual deve ter para promover o desenvolvimento de aprendizagens informais, essenciais no contexto da sociedade do conhecimento em que aprendizagem contínua é uma consequência natural do momento social e tecnológico.

2. COMUNIDADES VIRTUAIS

Desde o início, o homem procurou formas de sobrevivência que viessem, de alguma forma, garantir a perpetuação da sua espécie, estabelecendo relações com os outros, formando pequenos grupos, comunidades e, por fim, uma civilização. Desta forma, o conceito de comunidade acompanha a sociedade desde a sua mais tenra existência (Mussoi, Flores & Behar, 2007).

Mas foi com a Internet e a *www*, que ela pode ser difundida para além dos espaços físicos/geográficos. Esses novos espaços – o ciberespaço -, têm como característica marcante a virtualidade, o que possibilita que as pessoas estabeleçam vínculos sociais sem necessariamente estarem ligados fisicamente.

Para Levy (1998), o ciberespaço representa um novo meio de comunicação em que todos podem contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento através da produção e divulgação de informação e saber. Esse crescimento está associado à cibercultura, porque ela é a manifestação das práticas, das culturas e das opiniões dos diversos utilizadores que

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

frequentam os ambientes virtuais. E é neste contexto de colaboração, que surgem as comunidades virtuais, tendo como suporte a interconexão e a inteligência colectiva. A primeira tem presentes além das comunidades virtuais, as diversas formas de interacção e a

segunda, representa o resultado do processo de colaboração que é possível no ciberespaço uma vez que todos podem ser produtores de conhecimentos, pois segundo Levy (2003), a possibilidade de interacção dentro das comunidades gira em torno de uma mesma temática, o que as torna um espaço propício para disseminação da cibercultura.

Neste sentido, podemos dizer que as comunidades virtuais representam a congregação de vontades de um determinado grupo de pessoas que partilham interesses comuns, o que as torna um espaço para as mais variadas manifestações artísticas, culturais, promovendo a aproximação e unindo-as pelos mais diversos interesses. Desta forma partilhamos das ideias de Schlemmer & Carvalho (2005, p. 2) quando dizem que:

As comunidades virtuais são redes eletrônicas de comunicação interativa autodefinidas, organizadas em torno de um interesse ou finalidade compartilhados. Podem abarcar e integrar diferentes formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos, devido às suas diversificações, multimedialidades e versatilidades. O desenvolvimento de comunidades virtuais se apoia na interconexão e se constitui por meio de contatos e interações de todos os tipos.

Segundo Castells (2003, p.100), “os primeiros estágios do uso da Internet, na década de 1980, foram anunciados como a chegada de uma nova era de comunicação livre e realização pessoal nas comunidades virtuais formadas em torno da comunicação mediada pelo computador.”. Mas, de acordo com Arce & Pérez (2001), as primeiras comunidades virtuais concentravam-se no simples comércio de produtos pela Internet, ou mesmo num espaço onde os utilizadores podiam criar páginas pessoais gratuitamente. O autor frisa ainda que, e passamos a citar, “la primera Comunidad Virtual de la historia, The Well, creada por un grupo de ecologistas que se “reunían” para hablar de sus temas” (Arce & Pérez, 2001, p.219), surgiu em 1985.

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

No entanto, segundo Castells (2002), o primeiro investigador a difundir o termo comunidade virtual foi Howard Rheingold, na sua obra pioneira intitulada *Virtual Communities*, no ano de 1993, sob o forte argumento de que através da comunicação mediada por computador estaria nascendo uma nova forma de comunidade, proporcionando

a união *online* das pessoas em torno de valores e interesses comuns. Já Mussoi; Flores & Behar (2007), em seus estudos, referem que, para Howard Rheingold, comunidade virtual é uma agregação de relacionamentos sociais que emergem da necessidade das pessoas em discutirem alguma temática, partilhar conhecimentos, interesses ou mesmo manifestar solidariedade a uma causa comum, por um período de tempo suficientemente longo, através de constantes interações no ciberespaço.

Tendo como referência a definição de Reinghold, apontada pelos autores citados, Recuero (2001) destaca alguns elementos essenciais de uma comunidade virtual que são: as discussões públicas, as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda mantêm contacto através da Internet, o tempo e o sentimento, elemento estes que, segundo a autora, são determinantes para que se possa definir uma comunidade virtual. De forma similar, Palácios (1996), também enumera alguns elementos que podem identificar e/ou caracterizar uma comunidade virtual, como o sentimento de pertença, o tempo de permanência, a formação de laços sociais, o carácter corporativo, a territorialidade, bem como formas própria de comunicação e, finalmente, a urgência de um propósito comum.

De acordo com a visão dos autores consultados, percebemos que essas características das comunidades são semelhante ao que já era abordado na sociologia. Talvez a única ressalva que valha a pena salientar seja a noção de territorialidade que caracteriza uma comunidade tradicional, relacionada unicamente à proximidade física, e que, quando se trata das comunidades virtuais, tem seu leque ampliado, estendendo-se ao ciberespaço, com o objectivo de agregar pessoas que partilham de interesses comuns e não

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

mais exclusivamente através da proximidade física, o que, de certa forma, permite que as discussões alcancem um número maior de pessoas dispersas geograficamente nesta imensa aldeia global. Isto é ratificado por Castells (2002,p.470), quando diz que os “os utilizadores da Internet juntam-se às redes ou a grupos *online*, com base em interesses e valores partilhados e, uma vez que possuem interesses multidimensionais, também os têm como membros de comunidade *online*”.

O autor afirma ainda que, com o passar do tempo, esses agrupamentos acabam por dar apoio pessoal, no sentido de ajudarem de forma mais concreta os utilizadores em várias questões de sua vida, ou mesmo, fornecendo apoio afectivo, alargando assim o processo de comunicação ao longo do tempo. Isto pode contribuir para a sociabilidade no ciberespaço, considerando que, pelo facto dos factores sociais não exercerem uma forte influência nestes espaços, os bloqueios e os constrangimentos são menores no processo comunicativo, facilitando um modelo mais igualitário de interacção. tal como salientam Schlemmer & Carvalho (2005, p. 2) quando dizem que, e passamos a citar:

Comunidades virtuais são redes eletrônicas de comunicação interativa autodefinidas, organizadas em torno de um interesse ou finalidade compartilhados. Podem abarcar e integrar diferentes formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos, devido às suas diversificações, multimedialidades e versatilidades. O desenvolvimento de comunidades virtuais se apóia na interconexão e se constitui por meio de contatos e interações de todos os tipos. (Schlemmer & Carvalho, 2005, p. 2)

Por conseguinte, a Internet contribuiu para ampliar o processo de comunicação entre as pessoas que estabelecem laços sociais e afectivos através das comunidades virtuais. No entanto, convém aqui enfatizar que, nem toda a comunidade virtual pode ser considerada uma comunidade virtual de aprendizagem. No seu sentido mais amplo, podemos dizer que comunidade virtual é a “reunião de pessoas num determinado espaço” (Bireme, 2006, p.6). Ela é tida como virtual quando tem como ambiente a Internet e utiliza as ferramentas de comunicação mediadas por computador, porém sem cunho educativo



Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

e/ou pedagógico. Ou seja, não tem como foco a construção do conhecimento alicerçado nos princípios de colaboração, na discussão entre pares, na prática reflexiva e, sobretudo, não prima por um produto final como fruto dessas interações, o que a distingue de uma comunidade virtual de aprendizagem, assunto este que passamos a analisar no tópico seguinte.

3. COMUNIDADE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

As comunidades virtuais constituem a manifestação dos desejos e anseios de uma nova ordem social que emerge do paradigma tecnológico que vê nas tecnologias digitais novas possibilidades de estabelecimento de formas de comunicação horizontal que, imbuída por interesses comuns, começa a partilhar os seus conhecimentos, contribuindo para que haja a produção de saberes de forma colectiva. Esta nova forma de conceber o conhecimento pode ser, de alguma forma, relacionada com os princípios filosóficos de Paulo Freire (1984, p.63), quando dizia que: “ninguém educa ninguém. “Ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

E é justamente neste processo que a linguagem exerce um papel de fundamental importância, em que através das tecnologias e da Internet, é possível haver uma comunicação de forma síncrona ou assíncrona de muitos para muitos, com comutação de dados e conteúdos digitais entre pessoas que estão conectadas e unidas em torno de uma temática comum. É nesta óptica que surgem novas possibilidades para que as pessoas utilizem a investigação de problemas significantes e reais, com vista a construção de novas ideias, tendo como premissa os seus conhecimentos prévios e as suas experiências pessoais e colectivas. Este processo pode ser explicado à luz do construtivismo sócio interaccionista

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

de Vygotsky (Cole *et al.*, 2008) associado a abordagem dialógica de Paulo Freire (1984), bem como à teoria das inteligências múltiplas de Gardner (2000), confluindo no que Lévy (1998) nos aponta como Inteligência Colectiva, considerando que é no colectivo, tal como nos dizem Costa *et al.* (2007, p. 35) que os indivíduos, “somam forças e desenvolvem várias habilidades de comunicação e análise crítica, trocam saberes e compensam fraquezas, desenvolvem habilidades interpessoais e empatia, aprendendo a lidar com conflitos”.

No entanto, tal como referem Garrison, Anderson & Archer (2000), para que numa comunidade de aprendizagem se torne eficaz e eficiente, ela deve envolver três componentes essenciais que são: a presença cognitiva, a presença social e presença de ensino (Ver figura 9).

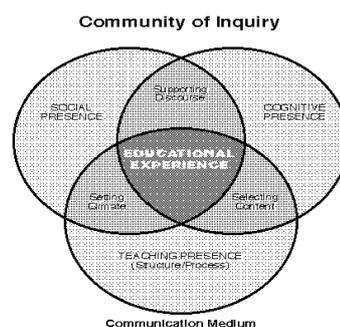


Figura 9: Elementos de uma experiência educacional (Garrison; Anderson & Archer, 2000, p.3)

A presença cognitiva é definida como sendo uma componente que permite aos participantes de uma determinada comunidade construir significados, através das discussões existentes no seu interior (Garrison, Anderson & Archer, 2000, 2004). Ou seja, a



Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

presença cognitiva reflecte o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, dando possibilidade aos indivíduos de estabelecerem relações com outros conhecimentos já existentes, adquirindo competência de análise e reflexão crítica.

A presença social, diz respeito à criação de um ambiente favorável, de tal forma que os participantes sintam-se confortáveis e seguros para expressarem as suas ideias. Ela é fundamental numa comunidade porque prepara os membros a desenvolverem a capacidade de expressar suas opiniões, pontos de vista e, acima de tudo, respeitar a diversidade de opiniões existentes no grupo. Deste modo, ela torna-se um apoio de grande importância para que a presença cognitiva se efective, uma vez que prepara os indivíduos para

aprenderem de forma colaborativa, para discutirem ideias com argumentos sólidos e dentro dos princípios éticos, favorecendo assim, a reflexão crítica, e por fim, a aprendizagem (Garrison; Anderson & Archer, 2000; Anderson, 2004).

Por fim, a presença de ensino, entendida como a provedora das componentes anteriores, pois tem como meta promover um espaço propício à partilha de saberes e construção de significados. Archer & Garrison (2001, *apud.* Anderson *et al.*, 2001) esboçaram três importantes funções que o e-moderador desempenha no processo de criação de uma presença de ensino. O primeiro desses papéis diz respeito à responsabilidade em conceber e organizar o espaço, o qual antecede a criação da comunidade, permanecendo durante toda o processo da sua execução. Isso inclui a selecção, organização e apresentação preliminar das temáticas que serão abordadas, bem como a concepção e o desenvolvimento de actividades de aprendizagem e a própria avaliação. Em segundo lugar, trata-se da criação de estratégias e actividades que busquem o envolvimento de todos os participantes, que pode ser compartilhado com os membros do grupo. Em terceiro lugar, o papel do ensino, que vai além de moderar as experiências de aprendizagem. Acontece quando ele contribui de forma instrutiva para que as discussões se tornem mais ricas e significativas,

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

concorrendo para que haja socialização das informações e construção do conhecimento. Enfim, podemos inferir que a presença de ensino é um meio de reforçar a presença social e cognitiva, com a finalidade de que sejam alcançados os resultados finais, ou seja, uma aprendizagem colaborativa.

Na tabela 1, abaixo representada, apresentamos uma síntese das categorias e indicadores de cada um dos três componentes de uma comunidade de aprendizagem tal como proposto por Garrison, Anderson & Archer, 2004, p. 4).

	Categorias	Indicadores (exemplo)
Presença Cognitiva	Sentimento de perplexidade Integração; Resolução;	Sentimento de perplexidade; Troca de informações; Conectando ideias; Aplicar novas ideias
Presença Social	Expressão emocional; Comunicação aberta Grupo coeso	Emoções Liberdade de expressão; Incentivar a colaboração
Presença de Ensino	Gestão Educativa Capacidade de compreensão Coordenar o conhecimento	Definir e iniciar tópicos de discussão; Compartilhamento de significado pessoal; Mediar os debates

Tabela 1: Modelo de comunidade e seus elementos constitutivos (adaptado de Garrison; Anderson & Archer, 2000,p.4)

Para os autores, a tabela define os elementos essenciais de uma comunidade de aprendizagem, através de uma associação de etapas dispostas ordenadamente e que permitem que seja identificada de forma bem clara as fases que estão subjacentes a cada

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

componente da comunidade, bem como tenta conceptualizar em linhas gerais as funções desempenhadas pelos elementos do grupo.

De acordo com Lotito (2005) e Palloff & Pratt(2004), numa comunidade virtual de aprendizagem o que motiva as pessoas são os temas, as discussões, os objectivos, a dinâmica de suas actividades e as pesquisas em comum. Ela não tem tempo definido, pois o que impera na sua permanência é o clima de pertença somado às diversas possibilidades de se estabelecer um estado de troca, colaboração e aprendizagem, baseados em interesses mútuos. Sendo assim, estes autores, elencam as principais características de uma comunidade virtual de aprendizagem que estão relacionadas aos anseios e necessidades dos seus membros:

- A comunicação é mediada por computador de forma síncrona ou assíncrona, cimentadas em um número significativo de conexões;
- Objectivos comuns a todos os seus membros;
- A escrita tem papel preponderante na comunicação, sendo por isso seu uso estimulado;
- Pode conter a presença de um e-moderador, para mediar os debates e incentivar as discussões;
- Igualdade de direitos e de participação para todos os membros;
- As interacções são permanentes e activas, tanto a nível técnico como pessoal;
- Aprendizagem colaborativa, fruto das diversas interacções mantidas ao longo das discussões;
- Definição em comum de normas, valores e comportamentos na comunidade;

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

- Construção social de significados, frutos dos acordos ou dos questionamentos;
- Desenvolvimento do senso crítico e da solidariedade. A última é revelada nas diversas manifestações de apoio aos participantes;
- Avaliação de forma crítica e construtivas das actividades desenvolvidas.

Segundo Kenski (2005) esses interesses das pessoas distantes fisicamente (desterritorializadas), mas permanentemente conectadas, suscitam múltiplas formas de comunicação, tomando proporções universais e que acabaram por transformar o ciberespaço em um canal infinito de múltiplas aprendizagens, considerando que é desafiante e ao mesmo tempo motivador poder pertencer a um grupo, participar e ser reconhecido. Quando socialmente integrado no grupo, procura agir de acordo com as regras e, de acordo com a autora, aprende muito mais do que o foco do seu interesse.

Ou seja, aprende a conviver em grupo, escutar, ouvir, superar conflitos, respeitar as diversidades de opiniões.

Portanto, sustentados nos estudos de Silva (1999), podemos constatar que tal como acontece no ensino formal, o currículo oculto está também presente nos ambientes de educação informal (caso das comunidades virtuais), uma vez que ultrapassa os objectivos explícitos e planeados da aprendizagem, contribuindo de forma tácita para aprendizagens sociais relevantes, as quais são reflectidas em atitudes, comportamentos, valores, orientações, etc.

Face a estas características inerentes às comunidades virtuais, convêm que evidenciemos também neste trabalho, as características de uma comunidade de prática que é também uma forma de se aprender no mundo virtual, mas com suas especificidades próprias.

4. COMUNIDADE DE PRÁTICA

O termo Comunidade de Prática (CoP) é recente, apesar de abordar algumas questões consideradas tão antigas que remetam para os primórdios da existência dos seres humanos, como a união em torno de interesses comuns, ou mesmo a necessidade de identificar as características de uma determinada organização social. Hoje é vista numa perspectiva de conhecer, aprender e até como um meio dos profissionais melhorarem o seu desempenho. Segundo Wenger (2006), o termo foi cunhado para indicar uma forma de organização entre indivíduos de cariz formativo na vida do aprendiz, que, pela sua dinâmica, busca o envolvimento de todos no processo de aprendizagem. Para Dalkir (2005, p.331) uma comunidade de prática pode ser entendida como:

An affinity group or information network that provides a forum where members can exchange tips and generate ideas; a group of professionals who try to face common problems to solve and who strive to improve their profession and thereby themselves. An informal network or forum where tips are exchanged and ideas are generated. A group of professionals informally bound to one another through exposure to a common class of problems, common pursuit of solutions, and thereby themselves embodying a store of knowledge. A group of practitioners held together by shared practices and common beliefs³

³ Um grupo de afinidade, ou rede de informações que fornece um fórum onde os membros podem trocar dicas e gerar ideias; um grupo de profissionais que tentam enfrentar os problemas comuns e que se esforçam para resolver, entre si, com o objectivo de melhorar seu desempenho profissional. Uma rede informal ou fórum onde se trocam e são geradas dicas e ideias. Um grupo de profissionais informalmente vinculados entre si através da exposição a uma classe comum de problemas, a busca comum de soluções, e assim incorporando o armanejamento de conhecimento. Um grupo de profissionais que se mantêm ligados por práticas e crenças comuns

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

Na verdade, o que se pode perceber é que as comunidades de prática são espaços públicos propícios a promover interações entre os profissionais que buscam apoio na consecução de um objectivo comum, na resolução de alguns problemas e principalmente pelo desejo e necessidade de aprender com o grupo. Tem como propósito aplicar os conhecimentos na sua prática profissional através de um processo de autoformação informal. Este processo é possível quando os membros participam das discussões através de uma interação mútua (Primo, 2000), quando as respostas não são fechadas e nem sequer predeterminadas. Isto é condição básica para que seja estabelecido um clima comunicacional rico, diversificado, complexo, como forma de garantir aos membros reconhecer que a diversidade de opiniões e posturas podem constituir-se elementos essenciais para a construção colectiva de significados, bem como fortalecer os laços sociais estabelecidos que são inculcados pelo entendimento mútuo como uma questão de rotina.

Brow & Gray (2007, *online*) aludem que “they are peers in the execution of "real work." What holds them together is a common sense of purpose and a real need to know what each other knows. There are many communities of practice within a single company, and most people belong to more than one of them”⁴.

Wenger (2006, *online*) ressalta que as “Communities of practice are groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly”⁵. Contudo o autor (Wenger, 1998) adverte que devemos ter o cuidado de não confundir uma comunidade de prática com uma simples união de pessoas

⁴ Eles são colegas na execução do “trabalho real”. O que os une é um sentimento comum de propósito e uma necessidade real de saber o que o outro sabe. Há muitas comunidades de prática dentro de uma única empresa, e a maioria das pessoas pertence a mais de um delas.

⁵ Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham um interesse ou paixão por alguma coisa que elas já realizam, tendo como objectivo aprender a fazê-lo melhor, através do interação regular.

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

que tem em comum algumas características, pois segundo o autor, o termo não pode ser considerado sinónimo de grupo, equipe ou mesmo de uma rede de contactos. Uma comunidade de prática é definida pelas possibilidades que dá aos membros de buscarem conhecimentos e não simplesmente por um emaranhado de tarefas que muitas vezes mantém coesa um equipe ou um grupo. E por abordar algo específico, ter um foco e um objectivo bem definido, se sobrepõe a um conjunto de relacionamentos, criando uma identidade própria que a caracteriza.

É pois preciso que seja estabelecida uma relação entre profissionais que busquem discutir as temáticas que envolvem as suas experiências vivenciais, busquem uma inovação e o mais importante, exista um fluxo de informações suficientes para que possa ser desenvolvido um processo de aprendizagem colectiva em que todos compartilham interesses e saberes, visando melhorar, aprimorar e facilitar as respectivas práticas profissionais.

As CoP justificam a sua existência pelas relações que reflectem o empenho recíproco entre os membros, por uma organização que leva em conta o trabalho conjunto e, acima de tudo, pelo acto de partilhar competências e habilidades na negociação de novo significados. Para Snyder; Wenger & Briggs (2004), Wenger (2000) e ainda Wenger (2006), a eficácia de uma comunidade de prática prende-se a força das suas três principais dimensões estruturais ou características básicas, que são: o domínio, a comunidade e a prática.

- *Domínio* – refere-se ao objectivo, determinando o seu foco. Repercute numa identidade própria que advém do domínio do conhecimento que será abordado, facultando aos membros partilhar seus interesses ao mesmo tempo que cria o sentido de identidade com as temáticas, mantendo-os juntos e coesos.

Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

- *Comunidade* – No intuito de atingir os interesses do seu domínio, o grupo participa de discussões, interage com os membros e partilha informações. Constroem relações que lhes permitem aprender uns com os outros através das interações, dos níveis de confiança e do sentimento de pertença e da reciprocidade, buscando juntos, a solução de um problema;

- *Prática* – Pode dizer-se que se trata do conjunto de ferramentas, métodos e competências, bem como nas actividades de aprendizagem dos membros, que se repercutem em acções conjuntas na busca de soluções de problemas, na inovação, na história de vida e nas experiencias. Ou seja, constitui-se num repertório de práticas compartilhadas, direccionando-os para defrontarem situações recorrentes, pois “a community of practice is not merely a community of interest--people who like certain kinds of movies, for instance. Members of a community of practice are practitioners.” (Wenger, 2006, *online*)⁶.

Portanto, é através destas três características que se estabelece uma comunidade de prática. Elas podem ser desenvolvidas por uma variedade de experiências como sejam a resolução de problemas, um pedido de informação, uma busca de experiência e sinergia, um mapear de conhecimentos, uma identificação de lacunas, construir conhecimentos, enriquecimento e/ou aprimoramento de práticas profissionais (Wenger, 2006). Entendemos que é uma forma de difusão da cultura e de experiências entre profissionais que, com o advento da Internet, propicia às pessoas procurarem o seu desenvolvimento profissional. Elas estão presentes nos mais variados contextos de nossas vidas influenciando e ajudando no nosso aprimoramento profissional e pessoal.

⁶ Uma comunidade de prática não é apenas uma comunidade de interesse - pessoas que gostam de certos tipos de filmes, por exemplo. Os membros de uma comunidade de prática são praticantes.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difusão da Internet pode ser considerada um grande avanço da sociedade, contribuindo de forma significativa para diminuir as distâncias sociais. Nesta óptica, considera Cardoso *apud*. Castells, (2003, p.110), que o virtual e o físico fundem-se, oferecendo formas alternativas de socialização, novos estilos de vida e, conseqüentemente, novas formas de organização da sociedade.

O acesso fácil e gratuito a inúmeros aplicativos da geração Web 2.0, facilita o encontro de pessoas no ciberespaço que, conectadas entre si, formam verdadeiras redes de contactos, contribuindo para o favorecimento do exercício pleno da cidadania, com poder de participação, colaboração e até construção de conhecimentos, influenciando e sendo influenciado por diversas organizações e/ ou culturas, num eterno processo de aprender a aprender.

Mas dizia Castells (2003), o ambiente virtual é uma extensão do mundo físico, em todas as suas dimensões e modalidades e por isso, está sujeito às vulnerabilidades e intemperanças, típicos da natureza humana. Cabe-nos a todos nós, professores e educadores, ponderar em formas de usar estas novas ferramentas, uma vez que, dependendo

do modo como são utilizadas, podem oferecer contributos importantíssimos para o crescimento e desenvolvimento pessoal e social das pessoas.

Centrando de novo a atenção nas comunidades virtuais, para delas podermos tirar partido e proveito em prol de uma educação mais justa, mais igualitária e de melhor qualidade é pois importante que saibamos identificar aquilo que as caracteriza e motiva. De facto, uma das competências que devemos ter neste novo paradigma social, é a de, diante do enorme fluxo de informação presente na rede social, saber identificar que ambientes são mais significativos para a promoção da aprendizagem ao longo da vida.



REFERÊNCIAS

ANDERSON, Terry. Teaching in an Online Learning Context. In: Terry Anderson,&, Fathi Elloumi (Editores). **Theory and Practice of Online Learning** (2004). Canadá: Athabasca University 2004. Cde.athabascau.ca/online_book. Disponível em: http://cde.athabascau.ca/online_book/contents.html. Acesso em: 20/08/09.

ANDERSON, Terry; ROURKE, Liam; GARRISON, D. Randy; ARCHER, Walter. **Assessing Teaching Presence In A Computer Conferencing Context**. In: JALN Volume 5, Issue 2 – September,2001 Disponível em: http://www.sloan-c.org/publications/jaln/v5n2/pdf/v5n2_anderson.pdf. Acesso em: 30/08/09.

ARCE, M^a. Vanessa Sánchez; PÉREZ, Tomás Saorín. **Las Comunidades Virtuales Y Los Portales como Escenarios de Gestión Documental y Difusión de Información**. In: Anales de Documentación, N.º 4,pp. 215-227, 2001. Disponível em: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/viewFile/2311/2301>. Acesso em: 01/08/09.

BIREME (org.). **Comunidades Virtuais**. São Paulo : BIREME / OPAS / OMS, 2006.Disponível em: <http://bvsmodelo.bvsalud.org/download/comvir/ComVirGuiaMetodologico.pdf>. Acesso em: 28/09/09.

BROWN, [John Seely](#); [GRAY, Estee Solomon](#). **The People Are the Company**. In: Revista Fast Company, 2007. Disponível em: <http://www.fastcompany.com/magazine/01/people.html?page=0%2C2>. Acesso em: 14/09/09.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Volume I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COLE, Michael; JOHN-STEINER, Vera; SCRIBNER, Sílvia; SOUBERMAN, Ellen (Orgs.). **A formação Social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COSTA Larissa; JUNQUEIRA, Viviane; MARTINHO, Cássio; FECURI, Jorge (Coords). **Redes - uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**, 2003.



Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

Disponível em: www.sits2008.org.br/oktiva.net/anexo/81423. Acesso em: 10/08/09.
(WWF-Brasil)

DALKIR, Kimiz . **Knowledge Management In Theory and Practice. Burlington, USA: Elsevier/Butterworth Heinemann, 2005.** Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=xtFLTymKV0QC&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false. Acesso em: 14/09/09.

LISBÔA, Eliana Santana ; COUTINHO, Clara Pereira. **O Papel do E-moderador em comunidades Virtuais: um estudo na rede Social Orkut.** In: *Actas do XI Simpósio Internacional de Informática Educativa*. Coimbra: Universidade de Coimbra,2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Porto Alegre: Artes médica,1984.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

GARRISON, D. Randy; ANDERSON, Terry; ARCHER, Walter. **Critical Inquiry in a Text-Based Environment: Computer Conferencing in Higher Education.** University of Alberta. Edmonton, Canada. p. 1 -34, 2000.Disponível em: http://auspace.athabasca.ca:8080/dspace/bitstream/2149/739/1/critical_inquiry_in_a_text.pdf. Acesso em: 30/08/09..

GARRISON,D. Randy; ANDERSON, Terry, ARCHER, Walter.Critical Thinking, **Cognitive Presence, And Computer Conferencing In Distance Education.**p.1-24, 2004. Disponível em: http://communityofinquiry.com/files/CogPres_Final.pdf. Acesso em: 30/08/09.

HOLMES Bryn; TANGNEY Brendan; FITZGIBBON, Ann; SAVAGE, Tim; MEHAN, Siobhan. **Communal Constructivism: Students constructing learning for as well as with**

others. In: Society for IT in =ducation (SITE) 2001 conference proceedings, 2001. Disponível em: <https://www.cs.tcd.ie/publications/tech-reports/reports.01/TCD-CS-2001-04.pdf>. Acesso em: 20/10/2009.

KENSKI, V. M. **Do ensinamento interativo às comunidades de aprendizagem, em direção a uma nova sociabilidade na educação.** Acesso – Revista de Educação e Informática, nº 15, p. 49-59, dez. 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Comunidades de aprendizagem, em direção a uma nova sociabilidade na educação.** In Férigoa. Universidade publica. Espazo comunitario, 2005.Disponível em: <http://firgoa.usc.es/drupal/node/23559/print>. Acesso em: 30/08/09.



Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

LEVY, Pierre. **A Inteligência Colectiva – Por uma Antropologia do Ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LOTITO, Márcia Padilha. **Comunidade Virtual De Aprendizagem: O Ambiente do Portal Educarede**, 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/104tcc1.pdf>. Acesso em: 30/08/09.

MUSSOI Eunice Maria; FLORES, Maria Lucia Pozzatti; BEHAR, Patricia Alejandra. **Comunidades Virtuais – Um Novo Espaço de Aprendizagem**. In: Centro Interdisciplinar de Tecnologia Educacional CINTED- UFRGS, 2007. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8aEunice.pdf>. Acesso em: 12/06/09.

PALÁCIOS, Marcos. **Cotidiano e sociabilidade no cyberspaço: apontamentos para discussão**. In: Antonio Fausto Neto & José Milton Pinto (Orgs). *O Indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRIMO, Alex . **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo**. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, 2000. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf. Acesso em: 12/06/02.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais: Uma Abordagem Teórica**. In: Trabalho apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS, 2001. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm>. Acesso em: 30/08/09.

SCHLEMMER, E. ; CARVALHO, José Oscar Fontanini de. **Gestão de um consórcio nacional para educação a distância organizado na forma de comunidade virtual de aprendizagem: a estratégia da CVA-RICESU**. Colabor@ (Curitiba), São Leopoldo,

v.3,n.10,1-9,005. Disponível em http://www.ricesu.com.br/colabora/n10/artigos/n_10/pdf/id_01.pdf. Acesso em: 30/08/09.

SILVA, Antonio Braz de Oliveira e; MATHEUS, Renato Fabiano; PARREIRAS, Fernando Silva; PARREIRAS, Tatiane A. Silva. **Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação**. In: Ci. Inf.,



Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

Brasília, v. 35, n. 1, p. 72-93, jan./abr, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a09.pdf>. Acesso em: 10/07/09.

SNYDER, William; WENGER, Etienne; BRIGGS, Xavier de Sousa. **Communities of Practice in Government: Leveraging Knowledge for Performance**. In: The Public Manager, Volume 32, Number 4.p.17-21, 2004. Disponível em: <http://www.ewenger.com/pub/index.htm>. Acesso em: 15/09/09.

WENGER, Etienne . **Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity**. USA: Cmabridge University Press, 1998.

WENGER, Etienne . **Communities of practice: Stewarding knowledge**. In: In Despres, C. and Chauvel, D. (eds.) *Knowledge Horizons: the Present and the Promise of Knowledge Management*, pp. 205-225. Butterworth-Heinemann, Boston, 2000. Disponível em: <http://www.ewenger.com/pub/index.htm>. Acesso em: 15/09/09.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: A brief introduction**, 2006. Disponível em: http://www.ewenger.com/theory/communities_of_practice_intro.htm. Acesso em: 30/08/09.

Eliana Santana Lisbôa

Mestranda em Educação pela Universidade do Minho, Braga, Portugal, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão, com especialização em Supervisão.

Clara Pereira Coutinho



Vol.2-Nº4 – JUL 2011/ISSN 1982-6109

Professora Auxiliar do Departamento de Currículo e Tecnologia da Universidade do Minho, Braga, Portugal. Doutora e Mestre em educação na Especialidade de Tecnologia Educativa, pela Universidade do Minho.

Artigo recebido em 09/08 /2010

Aceito para publicação em 05/04 /2011

Para citar este trabalho:

LISBÔA, Eliana Santana, COUTINHO, Clara Pereira. **Comunidades Virtuais Sistematizando Conceitos**. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, número 4, Julho. 2011. Disponível em: <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em: __/__/____.